

Contributo de novo modelo editorial da revista para a formação e a investigação em Medicina Geral e Familiar

Alberto Pinto Hespanhol*

N o momento em que redijo este Editorial, é impenhoso endereçar os meus agradecimentos à Direcção da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF) pelo convite que me dirigiu para pertencer ao Corpo Editorial da Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (RPMGF), na qualidade de seu Editor Chefe.

Também gostaria de expressar a todos os Diretores da RPMGF e seus Corpos Editoriais, que me antecederam desde a sua publicação em 1984, um muito obrigado pela experiência que me foram proporcionando como membro do Conselho Científico, Revisor, Autor e Leitor desta Revista.

Espero poder corresponder às expectativas que os sócios e os membros dos órgãos da APMGF, os membros dos Conselhos Editorial e Científico, os Revisores, os Autores e os Leitores da RPMGF esperam do Editor Chefe, em especial levar a cabo o objetivo fundamental desta sua revista que passo a citar "...A revista visa contribuir para o desenvolvimento da especialidade de MGF e para a melhoria dos Cuidados de Saúde Primários (CSP) através da publicação de artigos de investigação... e outros..." (Disponível em: <http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/about/editorialPolicies#focusAndScope>).

Na realidade é fundamental fazer Investigação clínica, a nível dos CSP, tal como é aconselhado no Plano Nacional de Saúde 2011-16 na área da Investigação Científica, pelo Prof. João Lobo Antunes.

Alguns dos benefícios da Investigação clínica estão contidos num documento *do Health Cluster Portugal, "Inovação e competitividade na Investigação Clínica", de Março, 2010* e que passo a referir:

"... A nível dos **Cuidados de saúde**: Contribuição para a qualidade da atividade assistencial, impacto na organização e capacitação das unidades de saúde e acesso precoce a fármacos inovadores;

A nível **Educacional e científico**: Oportunidade dos investigadores colaborarem com os seus pares em programas nacionais e internacionais, promoção da formação em metodologias de investigação e criação de ambiente propício ao desenvolvimento projetos originais;

A nível **Económico** - Criação de mais postos de trabalho..."

Na reflexão que se tem vindo a realizar sobre a investigação clínica não é possível deixar de citar um artigo do *N Engl J med.* 1979 6 de Dec; 301 (23): 1254-9, intitulado "O investi-

gador clínico como uma espécie em extinção" da autoria de Wyngaarden JB, em que já se discutiam as dificuldades do médico-cientista, as quais no momento presente poderiam ser elencadas do seguinte modo:

- O progresso científico obriga a constante atualização absorvendo muito tempo, tendo o médico dificuldade em conciliar investigação e assistência
- Os modelos exigentes de gestão, de indicadores de saúde e de metas assistenciais, limitando a disponibilidade dos clínicos para investigação;
- Fraca recompensa académica e dificuldades de financiamento;
- Ausência de unidades de suporte à investigação e de política de investigação como estratégia própria das unidades de saúde

Também se espera que, com a preciosa colaboração dos dois Editores Adjuntos (*Dr. Tiago Maricoto e Professor Paulo Santos*), o Editor Chefe conduza os membros dos órgãos do Corpo Editorial, como um maestro de uma organização baseada na estrutura não hierarquizada das orquestras sinfónicas (*Drucker PE Peter Drucker on the Profession Management., Boston: The Harvard Business Review book series, 1998*), indicando os grandes objetivos a implementar num novo modelo editorial da Revista, referidos pelo seu Director, Dr. Rui Nogueira, no seu último Editorial:

- manter o rigor científico e a independência total e absoluta
- separar de forma clara a função diretiva da função editorial
- fomentar a formação contínua de novos editores
- incentivar a publicação *on-line* e a edição de artigos originais em inglês
- promover a parceria para publicação de artigos originais em revistas de referência.

(Disponível em <<http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/12158/11336>>)

Os médicos sabem que enquanto as atitudes da sua profissão vão perdurando com uma certa estabilidade ao longo do tempo, os conhecimentos e as aptidões que adquiriram durante a sua formação vão-se desatualizando.

Por isso, a auto atualização dos médicos, ou seja a necessidade que têm de maximizar o seu próprio potencial, domina e motiva na realidade os seus comportamentos, nunca estando completamente satisfeita

Assim, no âmbito da Formação Contínua da Especialidade de MGF, é minha convicção que se hoje pedíssemos aos Médicos de Família para nomear as Revistas que recomendariam, a RPMGF seria certamente uma das referidas.

*Editor Chefe da Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar